

V JORNADAS DE HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA
«Entre Factos & Argumentos»

CITCEM/FLUP
Anfiteatro 2

Porto, 23 Maio de 2019

PROGRAMA

10H30 – Abertura.

COMUNICAÇÕES

11H00 – Sessão 1

«Como compreender o acontecimento, algures entre o relato jornalístico e o prisma historiográfico?», por Eurico Gomes Dias [ISCSP-ICPOL; CEPES].

O Jornalismo conquistou uma legitimidade insubstituível na reconstrução discursiva da realidade, idealmente baseada num sentido de fidelidade entre os acontecimentos e o relato jornalístico. Na sua essência, o que a imprensa periódica apreende, *per si*, dos acontecimentos próprios da passagem dos dias e/ou, enfim, da própria História? Deste modo, os periódicos – e todos os produtos mediáticos –, podem ser considerados como fontes para uma futura memória historiográfica. A imprensa periódica tornou-se progressivamente um *espelho* do próprio quotidiano, sendo os seus veículos tendencialmente considerados como ferramentas utilizáveis na investigação em História Moderna e Contemporânea.

Como explicar um determinado evento à luz da actualidade? Ou, mais adiante, no prisma do historiador? Quais as relações prováveis entre a notícia, dita *jornalística*, com a construção de um dado *acontecimento*? O que se poderá entender por *acontecimento histórico* e como se constitui? Quais as afinidades e embates que a História e a Imprensa, ou o Jornalismo, expressam na compreensão dos acontecimentos, enquanto unidades de medida que compõem os seus campos de análise? Como se conjugam/digladiam estes conceitos dinâmicos entre si, os quais são, aparentemente, indissociáveis/antagónicos? Qual poderá ser, então, o *meeting point* entre estas duas grandes formas de apreensão de uma realidade? Mas esse debate será útil ao campo da Historiografia?

Síntese Curricular: Eurico José Gomes Dias [Torres Novas, 1976]: Professor Auxiliar com Agregação no ISCPSI – Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna [Lisboa], sendo Investigador integrado do ICPOL – Centro de Investigação do mesmo Instituto. Académico Correspondente na APH – Academia Portuguesa da História. Autor e coordenador de várias obras, laureadas com «Menções Honrosas» no Prémio Grémio Literário 2010 e 2012, entre numerosos artigos científicos e literários.

*

«Buracos negros, horizontes de acontecimentos: prática da história e passado prático na teoria contemporânea da história», por Francisco Azevedo Mendes [ICS-UM, Lab2PT].

O choque das concepções e práticas da investigação histórica e dos usos da história constitui uma oportunidade para rever as estruturas e as dinâmicas das teorias contemporâneas da história. Nesse sentido, esta comunicação interroga-se sobre a imagem actual das múltiplas formas como os historiadores participam e reescrevem os acontecimentos que geram as próprias condições de compreensão da realidade. O filtro preliminar desta interrogação passa por debater os efeitos de atração gravítica, entre factos e argumentos, da proposta de Hayden White em *The Practical Past* (2014), colocando na linha de análise o estatuto existencial da grande teoria em sede de construção do conhecimento histórico e da sua ressonância global.

2

Síntese Curricular: Francisco Azevedo Mendes é Professor Auxiliar no Departamento de História do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho. Investigador integrado do Lab2/PT. Doutor em Teoria e Métodos. Tem desenvolvido estudos no âmbito da Teoria da História e da História Contemporânea.

*

«Entre factos e argumentos: a perspectiva de François Dosse sobre o Renascimento do Acontecimento», por Nuno Bessa Moreira [ULP; CITCEM].

François Dosse, num artigo publicado intitulado «L'irréduction dans l'histoire intellectuelle» (2003) pronuncia-se sobre o seu percurso até então e divide-o em três núcleos temáticos: o estudo sobre os *Annales* (que foram objecto da sua tese de doutoramento, dando à estampa *L'Histoire en Miettes*, em 1987), um trabalho acerca do estruturalismo, em dois volumes (1991 e 1992) e as biografias de Paul Ricœur (1997) e Michel de Certeau (2007), dois historiadores praticantes de uma historiografia de feição hermenêutica com a qual o biógrafo de ambos se identifica.

A história intelectual defendida por François Dosse opõe-se ao estruturalismo e os seus excessos, reconhecendo a fragmentação patente na terceira geração dos *Annales*, pós-braudeliana, e pugna por uma investigação centrada nos indivíduos, no particular e singular, sem postergar os colectivos abordando-os em relação com a primeira dimensão aludida. Em 2010, François Dosse publicou o livro *La Renaissance de l'événement*, na sequência do artigo de 2005; *L'événementialisation contemporaine du sens*, e antes de *L'événement historique: une énigme irrésolue*, de 2015. A questão do acontecimento ocupa a parte central da nossa intervenção, sendo precedida por enquadramentos sobre a história intelectual, o estruturalismo e os *Annales*.

Esta comunicação procura analisar a perspectiva do autor sobre o acontecimento, tendo em conta que esta se relaciona com factos e argumentos, sem coincidir com nenhum deles, mas envolvendo ambos, ao arripio da visão dominante sobre o acontecimento na historiografia oitocentista, e em reacção à voga estruturalista.

Síntese Curricular: Nuno Bessa Moreira nasceu no Porto em 1976. Licenciou-se em História na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em 1999. Concluiu o mestrado em História Moderna, com uma tese sobre o Cardeal D. Henrique (1539-1578), em 2004. Em Fevereiro de 2013 prestou provas públicas de Doutoramento em História, sob a orientação do Professor Doutor Armando Luís de Carvalho Homem, incidente sobre a *Revista de História* (1912/1928), periódico dirigido por Fidelino de Figueiredo. Concluiu, em 2016, o Curso de Defesa Nacional, tendo defendido o trabalho de investigação final em provas públicas.

*

«Dos factos aos argumentos: o que sabemos da espionagem a serviço da diplomacia portuguesa quatrocentista», por Duarte de Babo Marinho [CEPESE].

A representação externa de Portugal, à semelhança de outras unidades políticas da Idade Média, articulava-se eficazmente com as redes de espionagem de sucessivos monarcas. Aliás, essa atuação era encarada como positiva, visto que beneficiava a diplomacia e permitia que os embaixadores potencializassem a sua atividade. De facto, tratava-se de um sistema útil e eficaz, uma vez que possibilitava o acesso a informações confidenciais relativas a outros espaços políticos (*os factos*). Consequentemente, as missões diplomáticas, ao serem preparadas, eram adequadas a essas relevantes informações (*os argumentos*).

Síntese Curricular: Doutor em História pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2017), investigador do CEPESE e do CIJVS, tem-se dedicado nos últimos anos ao estudo e à publicação de trabalhos relacionados com as Elites e a Diplomacia medieval portuguesa. Também realizou alguns trabalhos na área da História da Historiografia. Frequenta, atualmente, o Mestrado em História, Relações Internacionais e Cooperação,

na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Moderador: João Torres Lima [CITCEM].

Síntese Curricular: João Torres Lima é licenciado em História (2009) e mestre em História Contemporânea (2012) pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. É investigador colaborador do CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura Espaço e Memória. Exerceu a sua actividade profissional durante cerca de 40 anos em diversas empresas, em especial na área da publicidade, como desenhador, e no sector têxtil, como controlador de qualidade. Obras publicadas: *MOJAF – Movimento Juvenil de Ajuda Fraternal (1963-1970)*; *De Leiria à Gabela. Memórias de um Soldado da Guerra Colonial (1971-1974)*.

13H00 – Intervalo para Almoço.

15H00 – Sessão 2

«“Tempos de festa e tempos de fome” – História Ambiental e História do Clima: uma aproximação metodológica», por Luís Pedro Silva [CITCEM], Sara Pinto [CITCEM] e Inês Amorim [FLUP, CITCEM, CEHR].

Em 1959, Emmanuelle Le Roy Ladurie publicou na revista *Annales. Economies, sociétés, civilisations* (14^e année, 1959, n.º 1, pp. 3-34) o texto «Histoire et Climat» (republicado na sua obra *Le Territoire de l'historien*, I, 1973, pp. 424-455). É um trabalho que materializa aspectos metodológicos em torno das condições meteorológicas e dos seus impactos nas sociedades predominantemente agrícolas e que será lido, de forma mais lata, quando da publicação da *Histoire du Climat depuis l'an mil* (Flammarion, 1967). A sua tradução para inglês adquiriu um título mais mediático em *Times of Feast, Times of Famine: A History of Climate since the year 1000* (Garden City, 1971) e teve implicações na discussão acerca das relações da sociedade com o ambiente e os extremos climáticos. Sessenta anos depois, as repercussões desta obra seminal ainda se fazem sentir, justificando uma profunda reflexão em torno desta temática. Com efeito, no presente estudo procurar-se-á percorrer, mesmo que sumariamente, alguns dos principais referenciais teórico-metodológicos que nortearam (e norteiam) este tema em Portugal, estendendo uma ponte entre tópicos tão diversos como ambiente/clima/evolução da paisagem e ambiente/clima/agricultura ou ambiente/clima/mortalidade.

Síntese Curricular: Luís Pedro Silva é licenciado em História e mestre em Ensino da História e Geografia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. É aluno do Curso de 3.º Ciclo da mesma Faculdade, no âmbito do qual desenvolve o projeto de

doutoramento “O clima do Noroeste de Portugal (1600-1855): dos discursos aos impactos”, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (referência da bolsa: SFRH/BD/105015/2014). É investigador do Centro de Investigação Transdisciplinar «Espaço, Cultura e Memória» (CITCEM). Tem desenvolvido a sua investigação na área da História Moderna, em particular nos domínios da História Ambiental e da História do Clima.

Síntese Curricular: Sara Pinto é doutorada em História e investigadora integrada do CITCEM-U. Porto. Actualmente é bolsreira de pós-doutoramento da FCT e desenvolve um projeto sobre mecanismos de crédito no Porto na Época Moderna e o papel da Misericórdia como entidade credora. As publicações mais recentes são na área da história da pobreza e caridade, estratégias mercantis de crédito e transferência e circulação de capitais entre o Porto e o Oriente. Desenvolve igualmente investigação na área da história da paisagem e comunidades marítimas, sendo membro da Rede Portuguesa de História Ambiental.

Síntese Curricular: Inês Amorim é Professora Associada com Agregação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), docente e diretora do Departamento de História e de Estudos Políticos e Internacionais (DHEPI) da mesma Faculdade. Investigadora do CITCEM (Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória) e do CEHR (Centro de Estudos de História Religiosa). Tem desenvolvido investigação nas áreas de história e património marítimo (história dos recursos marítimos e evolução das paisagens: sal, pesca, portos); história do ambiente, história dos preços, história do trabalho, história da assistência e do crédito. É membro fundador da Rede de História Ambiental, foi responsável pela linha de investigação do CITCEM, *Culturas Marítimas e Ambiente* e a actual linha *Transformações Ambientais*.

*

«Perspectivas historiográficas da história da I Grande Guerra nas sínteses de Portugal: Do Estado Novo à Democracia», por Judite Gonçalves de Freitas [FCSH-UFP e CEPSE].

Os modelos de análise historiográficos da I Guerra Mundial nas sínteses da História de Portugal acompanham, *pari passu*, as principais mudanças da nossa historiografia ao longo do século XX e do autoconceito de «Portugal». Ao longo do século XX, o discurso historiográfico sobre a guerra sofreu as vicissitudes da política, da ideologia e de correntes externas que condicionam a alteração das perspectivas historiográficas dominantes. Durante a ditadura do Estado Novo (1926-1974) foram especialmente desenvolvidos os estudos de determinadas temáticas e especialidades, com destaque para a história diplomática e militar e a história da expansão portuguesa, de acordo com a tendência tardo-oitocentista. Uma e outra serviam os interesses que mais aproveitavam ao regime.

A nossa análise arrancará da História de Portugal, dita “de Barcelos”, inicialmente produzida em contexto de ditadura (1928-1935), e em parte influenciada pelas tradicionais correntes da história, prosseguindo com a análise da síntese de João Ameal (1941) que assenta num modelo ideológico nacionalista de história; trilhando caminho até às mais recentes sínteses concebidas em tempo de democracia (António Henrique de Oliveira Marques [1972-74] e José Mattoso [1992-94]), que refletem importantes alterações no âmbito da nossa historiografia em geral, no conceito de «Portugal» e das visões da participação portuguesa na Grande Guerra, em particular.

Síntese Curricular: Judite Gonçalves de Freitas é agregada (2007), doutorada (1999), mestre (1991) e licenciada (1987) pela FL/Universidade do Porto. Doutorada em Ciência Política/Estudos Políticos Comparados pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2018. Professora Catedrática do Departamento de Ciência Política e do Comportamento da Universidade Fernando Pessoa desde 2010. É membro integrado do CEPESE/UP e do Instituto Português de Relações Internacionais/Universidade Nova de Lisboa. Participou em vários projectos de investigação, em colaboração com instituições nacionais e estrangeiras, nas áreas da História, Ciência Política e Relações Internacionais. Actualmente, é coordenadora do Grupo de Investigação: Portugal na Europa e no Mundo: Migrações e Relações Externas, no CEPESE e membro do GI: Poderes, Elites e Relações Sociais, na mesma unidade de investigação.

*

«Stálin, Revolução Russa, Socialismo e Comunismo nos manuais de Portugal e Brasil», por Paulo Oisioviçi [Mestre em História Contemporânea, FLUP].

O presente trabalho resulta da análise comparativa dos manuais de Portugal e do Brasil, e de estudo exploratório das ideias tácitas de alunos portugueses e brasileiros do 9.º ano do ensino básico em escolas dos arredores do Porto e de Correntina, na Bahia, sobre os conceitos substantivos: Revolução Russa, socialismo, comunismo, ditadura do proletariado e URSS, sob o governo de Stálin a partir de uma abordagem biográfica.

Tendo como principal substrato teórico as notáveis contribuições de Jörn Rüsen, o presente trabalho tem como pressuposto a articulação das operações do conhecimento histórico em seu processo dinâmico da função de orientação na vida prática, sem prejuízo de seus princípios normativos, num conjunto especializado no qual se constitui a matriz disciplinar da ciência da História. De forma peculiar, o processo de científico de produção do conhecimento histórico, ao contrário do que ocorre nas demais ciências, o aspecto nomológico não se constitui na forma pela qual a teorização do referencial das ideias conduz o pensamento histórico para a garantia de sua validade.

Um dos pressupostos orientadores do referido trabalho defende que os processos de constituição de sentido, as interpretações das experiências no tempo constituidoras de

identidade revelam-se dependentes das representações de continuidade não expressas em forma de lei. O conhecimento nomológico, quando utilizado nas argumentações históricas, via de regra, aparece de forma reduzida, incompleta, implícita e, quando aplicado nas suas formas mais sofisticadas, importado das ciências não-históricas, acaba por causar prejuízo nos resultados.

De forma alternativa às demais ciências, a especificidade da argumentação histórica fundamenta-se na indicação de razões ou intenções que orientaram os atos das personalidades históricas, uma vez que, segundo Droysen, em seu *Historik*, tudo “que o homem é, possui e faz” é designado “por A” e “esse A é formado de a + x, onde a representa tudo o que lhe vem dos elementos exteriores, a saber, de seu país, de seu povo, de sua época”, do nível de desenvolvimento das forças produtivas e das relações estabelecidas entre os homens dele decorrentes “etc., e o pequenino x constitui a sua contribuição pessoal”.

Síntese Curricular: Paulo Oisiovici, historiador e professor de História do ensino básico no Brasil, é mestre em História Contemporânea pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, autor da tese *Estaline nos Manuais de Portugal e Brasil*, aprovada pela referida instituição, e do artigo «O vento da História retira o lixo depositado sobre o túmulo de Stálin», publicado no jornal russo *Pravda*, além dos artigos «Wilson Martins Furtado: um semeador do amanhã» e ainda «Wilson Martins Furtado: exemplo de firmeza, coerência e combatividade», os quais compõem a obra *Wilson Furtado, vida e luta* (2014), organizada por Everaldo Augusto e publicada pela Assembleia Legislativa da Bahia.

*

«As eleições de 1975: factos e narrativas jornalísticas na imprensa portuguesa», por Helena Lima [FLUP – Departamento de Ciências da Comunicação e Informação].

A Revolução Portuguesa de Abril de 1974, levada a cabo pelo Movimento das Forças Armadas (MFA), pôs fim a 48 anos de ditadura. Um dos objectivos primordiais dos *Capitães de Abril* foi acabar com a censura, sendo a liberdade de imprensa entendida como um elemento-chave para o sucesso da democracia. Este princípio foi declarado no “Manifesto dos Capitães” e a importância que deram à comunicação social foi patente pela rápida constituição de um grupo de trabalho que seria responsável pela redacção da Lei de Imprensa (1975). A evolução política que sucedeu ao movimento militar acabou por seguir uma via revolucionária muito radicalizada, bem como um período de grande instabilidade social. O PREC (Processo Revolucionário em Curso) ganhou força, particularmente, após o 11 de Março de 1975, quando as principais empresas, a banca e os seguros foram nacionalizadas, abrindo assim “o caminho para o socialismo” (Rezola, 2006). As primeiras eleições democráticas ocorreram em 25 de Abril de 1975 e os jornais tiveram a oportunidade de fazer a cobertura deste acontecimento, entendido como valor-notícia (Shoemaker, 1996) de primeira grandeza. Esta comunicação é parte de um estudo

em curso da imprensa portuguesa sobre as eleições de 1975. O foco deste estudo é o semanário *Expresso*, sendo aqui analisados os processos noticiosos, enquadrados pelos contextos históricos, mas também procurando entender os procedimentos jornalísticos, quer pela tipificação das notícias, quer pelos enquadramentos discursivos resultantes da sua política em curso.

Síntese Curricular: Professora Auxiliar do Departamento de Jornalismo e Ciências da Comunicação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. É doutorada pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto com a tese *Os Diários Portuenses e os Desafios da Actualidade na Imprensa: Tradição e rupturas*, onde estudou os processos de consolidação dos três jornais da cidade do Porto, bem com a sua inserção no panorama mediático mais recente. Os seus interesses de pesquisa são a história do jornalismo e as temáticas relacionadas com os conteúdos das notícias, bem como as novas tecnologias e impactos no jornalismo e *media* digitais. O último projecto de investigação concluído foi *Algorithmic Science News Agency: Algorithm based automated science short news stories generator*, financiado pela *Digital News Initiative – Innovation Fund*. Actualmente está na equipa do projeto financiado pela da FCT: “Para uma história do jornalismo em Portugal”. Para além dos projetos, a comunicação e literacia em saúde são desenvolvidas como linha de investigação e cooperação através do LACLIS, o Laboratório de Criação para a Literacia em Saúde. Trata-se de um laboratório colaborativo, inserido no *Media Innovation Labs*, da Universidade do Porto. Helena Lima publicou várias obras e artigos no campo da história dos *media* e dos estudos de jornalismo, que espelham as linhas de investigação desenvolvida. Um exemplo recente é o capítulo em coautoria, de 2018, «Many structures, little accountability», inserido no *The European Handbook of Media Accountability*, editado por Eberwein, Fengler & Karmasin.

Moderador: Francisco Azevedo Mendes [ICS-UM, Lab2PT].

*

CONFERÊNCIAS

17H00 – Conferências de Encerramento

«Os sentidos dos factos», por João Luís Lisboa [FCSH-UNL].

Dá-se o nome de “facto” a recortes do acontecido, organizados pelas relações que se podem determinar. Essas relações, sejam movimentos de pontos no espaço, acções conscientes, gestos, interacção ente corpos, justamente por serem recortes, traduzidos

numa linguagem verbal ou numérica, podem ser definidas como unidades de sentido. Ou seja, é um dado sentido que permite identificar factos que, assim, deixam de se meros movimentos ou existências num qualquer espaço.

Há, porém, entre as várias diferenças que separam factos naturais e factos humanos, a extensão do que se entende por sentido. A consciência imediata da factualidade, que nela interfere, traduz-se em significados que os próprios intervenientes atribuem ao que acontece, dependente ou não de actos intencionais. E a questão dos sentidos integra-se ainda no modo como os factos se relacionam, estabelecendo nexos e projectando direcções de desenvolvimento factual e eventuais regularidades e transformações no tempo.

Síntese Curricular: Professor Catedrático na NOVA FCSH (Dep. Filosofia). É vice-presidente do Conselho Científico desta Faculdade. Coordena o grupo de investigação “Leitura e formas da escrita” no CHAM – Centro de Humanidades. É membro da Academia das Ciências de Lisboa. É co-director da revista *Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias*. Foi director do Centro de História da Cultura (2004-2014) e do Instituto Português do Livro e das Bibliotecas (IPLB, 2001-2002). Concluiu o seu doutoramento em 1998 no Instituto Universitário Europeu, Florença, em História e Civilização, com a tese (*Mots (dits) écrits. Formes et valeurs de la diffusion des idées au 18^{ème} Siècle au Portugal*). Trabalhos publicados recentemente: 2018: *Então, o quê? A História que (se) conta é problemática*, Famalicão, Húmus, 302 pp.; 2018: «Lettere da Lisbona 1766-1769. Niccolò Pagliarini e os livros», in Alessandrini, Nunziatella, Mariagrazia Russo e Gaetano Sabatini, ‘Homo est minor mundos’. *Construção de saberes e relações diplomáticas luso-italianas (sécs. XV-XVIII)*, Lisboa, Fábrica da Igreja Italiana de Nossa Senhora do Loreto, pp. 117-127; 2018: «Colecções e dispersão», in *Da minha casa para todos: a institucionalização de acervos bibliográficos privados*, org. Maria Celina Soares de Mello e Silva, Rio de Janeiro, Museu de Astronomia e Ciências Afins, pp. 8-25; 2018: «Hayden White, Ricœur e os desafios morais da História», in *Práticas da História. Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n.º 6, pp. 97-104; 2018: «Traços da edição em Lisboa na viragem do século XIX para o século XX», in Lúcia Granja e Tânia de Luca (ed.), *Suportes e mediadores: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*, Campinas, Editora da Unicamp, pp. 141-165 (colab. Daniel Melo); 2018: «Para tornar visível o trabalho de edição», prefácio a Nuno Medeiros, *O livro no Portugal Contemporâneo*, Lisboa, Outro Modo, pp. 9-17; 2019: «Memórias de Magalhães», in *Le Monde Diplomatique – edição portuguesa*, II série, n.º 150, Abril, pp. 10-11.

*

«<História e <Ciências Sociais>: uma relação problemática?», por Luís Reis Torgal [FLUC, CEIS20].

Síntese Curricular: Professor Catedrático Jubilado da Faculdade de Letras de Coimbra. Licenciou-se em História em 1966, doutorou-se em 1978 e tornou-se catedrático em 1987. Lecionou disciplinas de História Moderna e Contemporânea e de Teoria da História na Universidade de Coimbra. Coordenou o Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra (CEIS20) e dirigiu a *Revista de História das Ideias* e a revista *Estudos do Século XX*. Autor, com José Maria Amado Mendes e Fernando Catroga, da *História da História em Portugal*, livro fundamental e pioneiro neste domínio de estudos. Em 2015 foi dado à estampa *História, que História?* Publicou outros trabalhos, tais como: *História e Ideologia* (1989); *A Universidade de Coimbra e o Estado Novo* (1999); *O cinema sob o olhar de Salazar* (2000), de que foi coordenador e coautor, e *Estados Novos, Estado Novo* (2009).

Moderador: Eurico Gomes Dias [ISCSPI-ICPOL; CEPESSE].

*

Organização: Nuno Bessa Moreira & CITCEM.